

APRESENTAÇÃO DO DOSSIE HISTORIA DA SAUDE: INSTITUIÇÕES, PATRIMONIOS E ACERVOS

Ao longo de cerca de quatro décadas, a história da saúde vem se constituindo como um campo de pesquisa robusto, evidenciado pela grande quantidade de estudos produzidos e pelo vasto número de pesquisadores, pela diversidade de olhares, bem como pelo aprofundamento teórico e metodológico dedicado às análises sobre os temas. Os espaços temporais e geográficos são os mais diversos, assim como as conexões e interfaces com outros campos da história e, até mesmo, com outras ciências: sociologia, antropologia, medicina, enfermagem, psicologia, arquitetura e tantas outras. O presente dossiê, que visa marcar e comemorar os 15 anos de existência do Grupo de Trabalho História e Saúde – Anpuh Rio Grande do Sul, em parceria com o Grupo de Trabalho Acervos – História, Memória e Patrimônio – Anpuh-RS, também buscava, simultaneamente, publicar estudos recentes do campo, em nível regional, nacional e internacional, privilegiando produções dedicadas às instituições, patrimônios e acervos ligados à esfera da saúde, doenças e medicina. Como veremos nas próximas páginas, estes objetivos foram alcançados.

Abrimos o dossiê com o texto de Zíngaro Homem de Medeiros intitulado *A evolução das tecnologias de fabricação de instrumentos cirúrgicos a partir do acervo tridimensional do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Utilizando como referência itens das coleções disponíveis na reserva técnica do MUHM-RS, mas valendo-se também de artigos, dissertações e teses, o autor analisa características específicas da estrutura material e o *design* técnico de instrumentos cirúrgicos em sua relação com as transformações ocorridas na área médica entre os séculos XIX e XX, como o surgimento dos métodos assépticos, por exemplo, e seu impacto sobre a produção destes instrumentos. Merece destaque a discussão que o autor realiza sobre o conceito de patrimônio cultural da saúde.

Também propondo uma discussão sobre acervos e suas possibilidades de pesquisa, seguimos com o texto *História da saúde: acervos de periódicos científicos nas bibliotecas especializadas*, de Márcia Regina Barros da Silva. Dialogando com autores como Ludwik Fleck, Steven Shapin, Simon Schaffer e Thomas Kuhn, entre outros, Silva

realiza uma discussão sobre os periódicos científicos como fontes para a história das ciências da saúde no Brasil, enfocando, em especial, as primeiras revistas médicas publicadas no estado de São Paulo, criadas entre 1889 e 1950. A partir de análise de periódicos como *A Revista Médica de São Paulo*, a autora debate as transformações que ocorriam na área médica entre o final do século XIX e meados do XX, sugerindo uma periodização para sua análise.

O terceiro artigo do dossiê é *Farmacologia e pesquisa médica a partir dos fundos documentais de José Ribeiro do Valle e Maurício Oscar da Rocha e Silva (1934-1966)*, de Isabella Bonaventura. Neste texto, a autora busca analisar os embates que permearam a inserção da farmacologia como campo de pesquisa médica a partir da análise da carreira de dois cientistas que atuaram para legitimar esta área: José Ribeiro do Valle e Maurício Oscar da Rocha e Silva, indivíduos que atuaram em relevantes institutos paulistas de pesquisa, como o Butantan e o Biológico. Assim como os trabalhos anteriores, Bonaventura também sublinha a importância dos acervos (neste caso, os acervos pessoais dos pesquisadores em questão) para a construção de trabalhos sobre a farmacologia no Brasil. A análise de correspondências, artigos e cadernos de laboratório produzidos por Ribeiro do Valle e Rocha e Silva, a partir de referenciais como Bruno Latour, possibilita, segundo a autora, “a elaboração de narrativas não lineares, que abordem o estabelecimento da farmacologia no Brasil como evento complexo e fruto de múltiplas alianças”.

Entre os textos que analisam instituições, temos o de Isabela de Oliveira Dornelas, intitulado *Criação das faculdades de medicina no período imperial brasileiro*. Neste artigo, a proposta da autora é discutir o contexto e as negociações envolvidas na criação das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia no início do século XIX, abordando, assim, a institucionalização da Medicina no Brasil. A partir de debate historiográfico e da análise de fontes como a legislação, Dornelas debate, entre outras questões, a formação de médicos no final do século XVIII e início do XIX, a importância da Sociedade de Medicina, instituída em 1829, na fundação das Faculdades de Medicina e a relação entre o Estado Imperial e os médicos.

O artigo de Rildo Bento de Souza, por sua vez, tem por objetivo apresentar possibilidades de pesquisa a partir da documentação do arquivo do Asilo São Vicente de Paulo. O Asilo, instituição em funcionamento até hoje, foi organizado em Goiás, em 1909,

pela Sociedade São Vicente de Paulo para abrigar pobres e doentes. O texto, intitulado *Arquivos de instituições de saúde: a documentação do Asilo São Vicente de Paulo na cidade de Goiás e seu potencial para pesquisa*, está dividido em três partes e traz informações sobre a organização do Asilo, de seu arquivo e algumas possibilidades de pesquisa. O acervo, que possui mais de 10 mil documentos, permite problematizar questões relacionadas à história da saúde e da doença em Goiás, como epidemias e tratamentos, além da própria história da instituição.

Azemar dos Santos Soares Júnior e Rafael Nóbrega Araújo também investigam uma instituição vinculada à saúde em *O Dispensário Eduardo Rabello e o combate à sífilis na Parahyba do Norte na década de 1920*. A partir da análise de documentação produzida pelo Serviço de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas e de jornais do período e em diálogo com pesquisadores como Gilberto Hochman e Sérgio Carrara, os autores buscam debater as práticas médicas e políticas públicas utilizadas no combate à sífilis na Paraíba, mais especificamente em Parahyba do Norte (atual João Pessoa), enfatizando a atuação da educação sanitária e do tratamento profilático executado no Dispensário “Eduardo Rabello”, inaugurado em 1921.

Ainda enfocando instituições, patrimônios e acervos de forma mais direta, apresentamos o artigo *Patrimônio cultural & acervos da saúde: o tombamento do Hospital Frei Antônio (1976-1985)*, de Tarcísio Pereira Bastos. Trata-se de um estudo que privilegiou o processo de tombamento do Hospital Frei Antônio, o que inclui as motivações e a complexidade dos seus trâmites, de forma correlacionada a outras instituições de saúde da cidade do Rio de Janeiro que foram tombadas posteriormente, em anos próximos. Dentro disso, a análise se deteve sobre documentação pertencente à municipalidade e ao próprio Hospital. Destaca-se que, por meio de uma breve, mas bem construída contextualização sobre a trajetória da instituição, Bastos leva o leitor ao histórico bairro de São Cristóvão da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em período que se iniciou no século XVIII e que perdurou até o final do século XX.

Detendo-se sobre o acervo do Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (NUMEE), criado em 1990, Kalinka Brant da Silva e Gillian Queiroga apresentam importante trabalho de pesquisa e ação arquivística. Este processo, iniciado por meio da tentativa de estabelecer um diagnóstico sobre o conteúdo da coleção, trouxe a necessidade de tratamento e

identificação de cada um dos documentos, o que, por sua vez, culminou na criação de um instrumento de pesquisa. Conforme bem apontado pelos autores, com este trabalho, abre-se o caminho para um nível mais avançado de identificação do arquivo e, é claro, de conhecimento sobre a trajetória da Escola. Trata-se de documentação variada e que atravessa espaço temporal considerável, com datas que vão da década de 1950 até o fim do século XX.

Em seguida, destinando um outro olhar para os acervos da história da saúde, apresentamos o estudo intitulado *Alimentação e saúde no Rio Grande do Sul a partir de narrativas de viajantes europeus oitocentistas*, produzido por Eliane Cristina Deckmann Fleck e Everton Luiz Simon. Através de minucioso exame sobre os relatos de quatro viajantes que passaram pela província do Rio Grande do Sul entre 1817 e 1858 – Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant –, os autores buscaram identificar e analisar associações, entre os relatos, no que toca à relação entre saúde, doença e práticas alimentares. Evitando trazer, neste texto convidativo, os elementos conclusivos a que chegaram os autores, limitamo-nos a indicar que os aspectos identificados oportunizam reflexão produtiva e interessante sobre como aqueles intelectuais europeus observavam os hábitos que envolviam a produção e o consumo de alimentos, a ocorrência de doenças, e, ainda, como produziam discursos sobre a salubridade da província.

No texto seguinte, e partindo para uma análise de caráter biográfico, apresentamos a pesquisa conduzida por Fernanda Loch, intitulada *Medicina, Nação e Infância: Breve trajetória intelectual de Fernandes Figueira*. Loch, debruçando-se sobre a revista *Brazil-Médico*, o *Jornal do Comércio* e, ainda, resgatando produções historiográficas recentes, conduziu estudo sobre a figura do médico-intelectual carioca Fernandes Figueira, enfatizando as suas ideias sobre medicina, nação e infância, bem como as suas ações no contexto higienista brasileiro, privilegiando os anos mais produtivos da sua trajetória, que se estendem entre 1880 e 1930. Por meio do pensamento e das ações de Figueira, a autora examina como a elite médica (e política) pensava e projetava o Brasil para o futuro, frente a questões pertinentes à saúde e ao contexto social e econômico na passagem entre os séculos XIX e XX.

Dentro das abordagens que tangenciam os patrimônios e acervos na história da saúde, não devemos negligenciar a importância da história oral, pois quando

problematizamos as percepções sobre saúde e doença e suas fontes, felizmente não ficamos restritos a acervos institucionais ou documentos escritos: referimo-nos a uma rica e complexa sabedoria popular que é transmitida por gerações, principalmente por meio da oralidade. É nesta perspectiva que se inclui o artigo *Verdade e imaginação em narrativas orais: multivocalidades e construções memoriais na prática dos benzimentos na localidade de São Miguel das Missões/RS*, resultado de pesquisa conduzida coletivamente por Eduardo Jordão Knack, Juliani Borchardt da Silva e Ronaldo Bernardino Colvero, que buscou analisar as narrativas de benzedores de comunidade estabelecida em cidade do oeste gaúcho. Destaca-se, do exame produzido pelos autores, a importância da imaginação, da memória e de práticas associadas à benzedura, como traços característicos formadores e reprodutores de identidade e (auto)reconhecimento daquela comunidade, seja para quem benze, seja para quem é benzido.

Ainda no contexto da abordagem da história oral sobre doença e saúde, insere-se o artigo *A Esclerose Múltipla como antítese da sua própria História*, de Raquel Alvarenga Sena Venera. Refletindo sobre a história da esclerose múltipla, Sena Venera examina a doença a partir de duas perspectivas: da própria autora, diagnosticada com esclerose múltipla e que se deparou com as narrativas acerca da doença estabelecidas por médicos, laboratórios e associações, entre outros, e como pesquisadora, que escutou e examinou falas sobre memórias de pessoas com esclerose múltipla, narrativas que, por sua vez, repetiam ou eram similares às da perspectiva anterior. Assumindo os papéis de pesquisadora, autora e sujeito da doença analisada, Venera coteja discursos oficiais e experiência(s) e, por meio dessa complexa ligação, remete-se, diretamente, às formas de produção da história da esclerose múltipla.

Finalizando esta edição, apresentamos a *Entrevista com o Dr. Naum Keiserman*, de autoria de Ângela Beatriz Pomatti e Lorena Almeida Gill, planejada e conduzida em 2007, pela equipe do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tendo como responsável Ângela Beatriz Pomatti. Naum Keiserman (1917-2011), médico porto-alegrense especialista na área de tísio-pneumonia, foi criador da Faculdade de Medicina da UFPel e também seu diretor, tornando-se, assim, autoridade médica e docente sobre a tuberculose naquela Universidade e localidade. Na entrevista, parte da trajetória de Keiserman é retratada, mas, o principal objetivo foi o de refletir e discutir sobre as formas de tratamento da tuberculose pulmonar antes da descoberta da

estreptomicina (antibiótico específico para o combate à doença), tendo como cenário específico a cidade de Pelotas.

Ao encerrar a apresentação deste dossiê, parabenizando os autores que deram vida a esta publicação e comemorando os 15 anos de existência do Grupo de Trabalho História e Saúde – Anpuh-RS, assim como a parceria aqui firmada com o Grupo de Trabalho Acervos – História, Memória e Patrimônio – Anpuh-RS, convidamos o/a leitor/a a conhecer mais sobre as nossas instituições, sobre os nossos acervos e sobre o nosso tão rico patrimônio cultural e histórico brasileiro quanto à saúde, que não se resume aos arquivos e acervos documentais institucionais.

Boa leitura!

Ana Paula Korndörfer

Daniel Oliveira

Maria Marta Lobo de Araújo